

PLANO DE ENSINO

335177 - História da Antropologia: Autores Clássicos 2

Sexta-feira - 08h20 as 12h - Sala Multiuso A

Prof. Henyo Trindade Barretto Filho

Ementa. Estudo intensivo de obras que influíram na formação teórica da Antropologia, abrangendo as principais tradições que têm marcado a disciplina.

Rationale e Objetivos. Este plano de ensino resulta de uma tentativa - parcialmente fracassada - de construir de modo coletivo e - relativamente - participativo o conteúdo programático da disciplina. Tentativa esta favorecida pela permanência e presença em Brasília durante o recesso acadêmico de praticamente todo o corpo discente do mestrado - que havia cursado a disciplina "teórica" obrigatória anterior, que constitui pré-requisito desta. A ideia, lançada pelo corpo discente, era poder discutir previamente desdobramentos e opções, e favorecer um início mais expedito da disciplina, aproveitando já desde a primeira aula para discutir conteúdos substantivos.

Condições várias não permitiram a plena execução da ideia, que pressupunha um conjunto de reuniões ao longo do mês de julho para desenhar paulatinamente a proposta. De todo modo, foi possível realizar uma boa reunião no final de junho e outra, já bem esvaziada, no início de agosto. Apesar dessas poucas ocasiões, esta proposta reflete o aprendizado oportunizado por esse esforço, representando uma tentativa franca e experimental de lograr afastamentos em relação ao padrão desvelado por Teixeira & Pedreira (2007) na oferta das disciplinas obrigatórias de "teoria antropológica" no PPGAS/UnB. Registro aqui uma primeira tensão, pois o nome da disciplina remete à "história" da disciplina e a "autores clássicos", não se referindo à "teoria". A ementa, contudo, menciona "a formação teórica" (no singular) da disciplina, abrangendo suas "principais tradições" (ênfase minha - conceito que requereria problematização).

Assim sendo, embora não volte a tratar de autore/as, textos e linhagens teóricas abordadas na disciplina obrigatória anterior (o que não necessariamente pode ser entendido como continuidade), ela tenta, ainda muito timidamente, diferir do padrão, ao tentar incorporar algumas sugestões aventadas nas reuniões havidas com o corpo discente: um curso de viés mais panorâmico e abrangente (em que não reprimimos o recurso a comentadores); recorrendo a textos menos óbvios de autore/as tido como paradigmático/as e incorporando alguns/mas autore/as e obras cujo lugar no cânone - e na própria Antropologia - é debatível, podendo até ser considerados "menores"¹; e organizado em torno de eixos temáticos e/ou problemas de análise. É neste último aspecto que este plano de ensino permanece enquadrado no padrão de organização de planos anteriores da disciplina (ver Teixeira & Pedreira 2007), em que se tenta escapar de uma pedagogia cronologicamente inspirada (que moraliza a produção do conhecimento antropológico baseada em *chronos* - tempo sequencial), na direção de uma organização baseada em *kairos* (que busca reconhecer o conhecimento que é crítico para o momento que vivemos - ver Durrani, 2019).

Se, como sugere Freire (1981), quem propõe uma bibliografia sabe o que quer, devo admitir que para algumas sessões ainda não sei bem o que quero. Dada a natureza experimental de algumas composições bibliográficas propostas, há muitas incertezas quanto ao resultado a que se pode chegar. A proposta ainda é excessivamente tímida, pois pode se arguir - como faz Bonilla (2017) - que ela não ultrapassa as estratégias da compensação (para cada clássico, um negligenciado/invisibilizado) e do *cherry picking* (dispensar textos/autores "clássicos" mais evidentemente problemáticos, mas mantendo os que, dentre estes, ainda teriam qualidades redentoras). De todo modo, tentaremos seguir a sugestão de Bonilla de ler os textos não tanto de modo exegético, mas sintomático, compreendendo-os como produtos do seu tempo; com foco não tanto no que eles nos permitem fazer hoje, mas no que eles permitiram a Antropologia ser naqueles contextos. Nesse sentido, embora acanhada, esta proposta não deixa de expressar o que Durrani (2019) chama de "ansiedade epistêmica", que tem se generalizado cada vez mais a cada ocasião em que se elabora um plano de ensino. Assumindo explicitamente essa ansiedade, a proposta é, também, um desafio e

¹ Nesse espírito, a própria sessão introdutória incorpora referências pouco usuais em planos de ensino anteriores que se propõem a abalar e/ou perturbar o cânone e o sentido de "clássicos". É a partir delas que leio criticamente este plano de ensino neste e nos parágrafos a seguir.

uma oportunidade que estabeleci para mim mesmo de aprender com as sugestões feitas pelo/as discentes e com algumas conexões que tentarei estabelecer. Trata-se de aceitar o desafio posto por Moore (1996) de problematizar ao longo do curso o que conta como conhecimento, o que conta como Antropologia e quem reconhecemos como produtores/as de conhecimento e teoria antropológicos. É assim que, além de tentar incorporar as sugestões do/as discentes, este plano tenta, ainda acanhadamente, diferir dos standards mapeados por Teixeira & Pedreira (2007) e Golub (2014), ao explorarem planos de ensino e livros textos de teoria antropológica em distintas matrizes disciplinares.

Isso tem alguns custos que é importante salientar. Para quem vem de outro campo (outras áreas do conhecimento) que não a Antropologia, é possível que fiquem lacunas em termos de alguns/mas autores/as e textos que se repetem *ad nauseam* em nossos planos de ensino desde a graduação. Uma forma de tentar suprir isso será mencionar e oferecer tais referências, contando com o interesse e o autodidatismo do/as participantes para avançar.

É importante, salientar, por fim, que fiz um esforço de ampliar o acesso à literatura, selecionando textos majoritariamente em português e disponíveis na web. Cheguei a cogitar de elaborar o plano de ensino exclusivamente com textos em português, mas, ao aceitar alguns desafios que foram postos no limitado processo de discussão da proposta, isso inviabilizou a ideia.

Concluindo, portanto, se a disciplina dá continuidade [sic] ao processo de formação teórica do corpo discente do mestrado - e de algumas doutorandas que vêm de outras formações disciplinares - iniciado na disciplina obrigatória anterior, ela o faz num contexto de ansiedade epistêmica e num esforço ainda incipiente de tentar abalar, em mim mesmo, algumas convicções enrijecidas em torno do ensino de "teoria antropológica". Tratei, assim, de tornar o curso desafiante para mim mesmo, em vez repisar o chão batido e seguro da nossa epistemologia.

Metodologia e avaliação.

O curso está organizando em 15 sessões (S) semanais, com alguns poucos intervalos em razão de feriados e de atividades previstas no calendário acadêmico e no do professor - o que permitirá alguns respiros importantes. As sessões consistirão em debates em torno dos textos indicados na bibliografia obrigatória, em que um/a aluno/a em cada sessão se responsabilizará por estimular a discussão - não necessariamente "apresentar" o texto. O professor se esforçará por fazer vínculos/relações entre as formulações e oferecer sistematizações, trazendo outros subsídios - notadamente da bibliografia complementar. Ao final de cada sessão, elencaremos os pontos relevantes e dignos de nota na discussão havida, a título de exercício de síntese.

Serão efetuados dois exercícios de avaliação, um de meio termo e outro ao final da disciplina. Esses exercícios orbitarão em torno de ensaios estritamente teóricos (enfocando uma nebulosa de conceitos, autores/as e textos), ou etnográficos (organizando evidências empíricas de campo, à luz dos conceitos, abordagens e questões debatidos no curso) - podendo o exercício final constituir um aprofundamento do exercício preliminar de meio termo. Se, por um lado, a ideia é estimular os/as estudantes a desenvolver a forma ensaio teórico, por outro, pretende-se dar-lhes a liberdade de se apropriar do repertório estudado para pensar as suas questões em seus projetos - o que pode resultar em ensaios etnográficos. Em o/a estudante não tendo ideia ainda do que quer fazer, alternativas serão apresentadas, tanto a título de avaliação de meio termo, quanto de avaliação final, quais sejam: provas (a partir de enunciados previamente elaborados com foco nos tópicos sintetizados ao final de cada sessão); resenhas adensadas de etnografias e/ou monografias clássicas; ordenação de referencial teórico de projeto de qualificação; etc. - a serem previamente acordadas com o professor.

Conteúdo Programático e Bibliografia. [Sujeitos a modificações e adequações ao longo do percurso.]

S1 [16/08] Introdução: apresentar o plano de ensino do curso e problematizar algumas dimensões deste

- FREIRE, Paulo. 1981 [1968]. "Considerações em torno do ato de estudar". In *Ação Cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (5ª ed).
- MOORE, Henrietta L. 1996. "The changing nature of anthropological knowledge". In: H. Moore (org.) *The Future of Anthropological Knowledge*. London: Routledge. pp. 1-15.
- TEIXEIRA, Carla C.; PEDREIRA, Carolina. 2007. *Por que ler (esses) clássicos?* Brasília: Mimeo.
- GOLUB, Alex. 2014. "Is there an anthropological canon? Evidence from theory anthologies". *Savage Minds*. April 6, 2014. Disponível em <https://savageminds.org/2014/04/06/is-there-an-anthropological-canon-evidence-from-theory-anthologies/>
- DA COL, Giovanni; Sopranzetti, Claudio (eds.). 2017. SHORTCUTS: Why do we read the classics? *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, 7 (3) ['Preface' dos eds. (1-7); 'Disciplinary memory against ambient pietism' de Anastasia Piliavsky (13-17); 'Unsettling the classics: On symptomatic readings and disciplinary agnosticism' de Yarimar Bonilla (23-28).]
- DURRANI, Mariam. 2019. "Upsetting the Canon." *Anthropology News* website, April 8, 2019. Disponível em <http://www.anthropology-news.org/index.php/2019/04/08/upsetting-the-canon/>

Literatura complementar

- DARNELL, Regna. 1977. History of Anthropology in Historical Perspective. *Annual Review of Anthropology*, 6 (1): 399-417.
- ARDENER, Edwin. 1985. "Social Anthropology and the Decline of Modernism". In OVERING, Joanna (ed.), *Reason and Morality*. London: Tavistock, pp. 47-70.
- PEIRANO, Mariza. 1995. "Os Antropólogos e suas Linhagens". In. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. pp. 13-30.
- ENGLUND, Harri; LEACH, James. 2000. Ethnography and the Meta-Narratives of Modernity. *Current Anthropology*, 41: 225-248.
- ORTNER, Sherry B. 2002. The Death and Rebirth of Anthropology. *Ethnos*, 67 (1): 7-8.
- ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. 2007 [2001]. *História da Antropologia*. Petrópolis: Vozes.
- ELLEN, Roy. 2010. Theories in anthropology and 'anthropological theory'. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.) 16: 387-404.
- NAEPELS, Michel. 2010. Anthropologie et Histoire: De l'autre côté du miroir disciplinaire. *Annales HSS*, juillet-août 2010, 65 (4): 873-884.
- MUKHERJEE, Ankhi. 2013. "'What Is a Classic?' International Literary Criticism and The Classic Question". In *What Is a Classic? Postcolonial Rewriting and Invention of the Canon*. Stanford, CA: At the University Press. pp. 27-49.
- KUPER, Adam. 2019. Deconstructing anthropology (First Annual Stephen F. Gudeman Lecture). *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 9 (1): 10-22.

S2 [23/08] Mudança cultural e Antropologia aplicada (um capítulo imêmore em África)

- MALINOWSKI, Bronisław. 1945. *The Dynamics of Culture Change: An inquiry into race relations in Africa*. New Haven: Yale University Press [Introduction (Phyllis Kabery); Chapters I e XIII.]
- KENYATTA, Jomo. 1938 [1968]. *Facing Mount Kenya: The tribal life of the Gikurju*. London: M Secker & Warburg. [Introduction (B. Malinowski); Preface; The Gikuyu System of Government; Conclusion.]
- CELARENT, Barbara. 2010. Facing Mount Kenya - Review. *American Journal of Sociology*, 116 (2): 722-728.

NTARANGWI, Mwenda. 2008. "Refacing Mt. Kenya or Excavating the Rift Valley? Anthropology in Kenya and the Question of Tradition". In BOSKOVIC, Aleksandar (ed.). *Other People's Anthropologies. Ethnographic Practice on the Margins*: Oxford: Berghahn Books. pp. 83-96.

Literatura complementar

RESTREPO, Eduardo; ESCOBAR, Arturo. 2005. 'Other Anthropologies and Anthropology Otherwise': Steps to a World Anthropologies Framework. *Critique of Anthropology*, 25 (2): 99-129.

S3 [30/08] Sobre mito e ciência 1

LEENHARDT, Maurice. 1997 [1947]. *Do Kamo: La persona y el mito en el mundo melanesio*. Barcelona: Paidós. [Introd.; Presentación del Melanésio; Caps. 1, 2 e 12.]

CLIFFORD, James. 1998 [1980]. "Trabalho de campo, reciprocidade e elaboração de textos etnográficos: o caso de Maurice Leenhardt". In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ. pp. 227-251.

CÉSAIRE, Suzanne. 2002 [1942] "The Malaise of a Civilization". In SHARPLEY-WHITING, Tracy Denean (ed.). *Negritude Women*. Minneapolis: University of Minnesota. pp. 130-134.

SHARPLEY-WHITING, Tracy Denean. 2002. "Suzanne Césaire: Tropiques, Negritude, Surrealism, 1941-1945". In *Op. cit.* pp. 80-102.

LÉVI-STRAUSS, C. 2004 [1964]. "Abertura". In *O Cru e o Cozido: Mitológicas I*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 19-42.

Literatura complementar

GRIAULE, Marcel. 1975 [1948]. *Dieu d'Eau: entretiens avec Ogotemmêli*. Paris: Librairie Arthème Fayard.

LEENHARDT, Maurice. 1953. *Gens de la Grande Terre*. Édition revue et augmentée. Paris: Gallimard ('L'espèce humaine', 1).

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1993 [1971]. "Como morrem os mitos". In *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 261-274.

BENSA, Alban; BOURDIEU, Pierre. 1985. Quand les Canaques prennent la parole. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol. 56, mars 1985 (L'antisémitisme), pp. 69-85. Disponível em https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1985_num_56_1_2253

S4 [06/09] Sobre mito e ciência 2

LÉVI-STRAUSS, C. 2005 [1950]. "Introdução à obra de Marcel Mauss". In MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify. pp. 11-46.

_____. 1989 [1962]. "A Ciência do Concreto". In *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papyrus. pp.

LEACH, Edmund. 1973 [1970]. "A Estrutura do Mito". In *As Ideias de Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Cultrix. pp. 89-104

LATOUR, Bruno. 1994 [1991]. "Crise"; "Constituição". *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

S5 [13/09] Estruturas, processos e conflitos 1

SIMMEL, Georg. 2011 [1903 circa.]. O conflito como sociação. *RBSE*, v. 10, nº 30, pp. 569-574.

NARDAL, Suzanne. 2002 [1928] "Black Internationalism". In Sharpley-Whiting, T. D. (ed.). *Negritude Women*. Minneapolis: University of Minnesota. pp. 130-134.

FANON, Franz. 1965 [1959]. *A Dying Colonialism*. New York: Grove. [Preface; 1. Algeria Unveiled.]

CELARENT, Barbara. 2010. A Dying Colonialism - Review. *American Journal of Sociology*, 116 (6): 2062-2068.

BOURDIEU, Pierre & SAYAD, Abdelmalek. 2006. A dominação colonial e o saber cultural. *Revista de Sociologia e Política*, nº 26, p. 41-60.

Literatura complementar

SIMMEL, Georg. 1904. The Sociology of Conflict: I. *American Journal of Sociology*, 9 (4): 490-525.

[Disponível em <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/211234> e https://brocku.ca/MeadProject/Simmel/Simmel_1904a.html]

CHATTERJEE, Partha. 2004. *Colonialismo, Modernidade e Política*. Salvador: EDUFBA, CEAO.

PELS, PETER. 2008. What has anthropology learned from the anthropology of colonialism? *Social Anthropology*, 16 (3): 280-299.

ROLPH-TROUILLOT, Michel. 2018. A região do Caribe: uma fronteira aberta na teoria antropológica. *Afro Ásia*, nº 58, pp. 189-232.

ALLEN, Jafari Sinclair; JOBSON, Ryan Cecil. 2016. The Decolonizing Generation: (Race and) Theory in Anthropology since the Eighties. *Current Anthropology*, 57 (2): 129-148.

LIPPOLD, Walter Günther Rodrigues. 2016. "A África de Fanon: atualidade de um pensamento libertário". In MACEDO, José Rivair (org.). *O Pensamento Africano no Século XX*. São Paulo: Outras Expressões.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. 2018. "Convergências entre Intelectuais do Atlântico Negro: Guerreiro Ramos, Frantz Fanon e Du Bois". In J. BERNARDINO-COSTA, N. MALDONADO-TORRES e R. GROSSFOGUEL (orgs.). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 247-268.

HANKIR, Zahra (ed.). 2019. *Our Women on the Ground: Essays by Arab Women Reporting from the Arab World*. London: Penguin.

S6 [20/09] Estruturas, processos e conflitos 2

LEACH, Edmund. 1995 [1954]. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EdUSP [Introdução; Caps. 6, 7 e 9; Conclusão.].

CLASTRES, Pierre. 2004 [1980]. "Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas". In *Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify. pp. 229-270.

SCOTT, James C. 2009. "Hills, Valleys, and States: An Introduction to Zomia". In *The Art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland Southeast Asia*. New Haven & London: Yale University Press. pp. 1-39. [Ler tb. o prefácio.]

Literatura complementar

AGUIRRE Beltrán, Gonzalo. 1991 [1967] *Regiones de Refugio: El desarrollo de la comunidad y el proceso dominical en mestizoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica.

ANDERSON, Benedict. 2007. *Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. New York: Verso.

[27/09] Semana Universitária e tempo para realizar o 1º Exercício de Avaliação [entrega para 11/10]

16h. Palestra: "Antropologia: para que serve? Um comentário (um tanto autorreferido) ao livro de Tim Ingold" - 16h - Sala Multiuso A do ICS

S7 [04/10] Estruturas, processos e conflitos 3

- VAN VELSEN, Jaap. 1987 [1967] "A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado". In B. Feldman-Bianco (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Ed. Global.
- TURNER, Victor. 2008. [1970]. "Hidalgo: a história enquanto drama social". In *Dramas Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EduFF.
- RIVERA, Silvia. 2010. "Presentación"; "Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores". In *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón. pp. 05-08; 53-76.

S8 [11/10] Estrutura(s), mito(s) - de novo - e história(s) 1

- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1983]. *História e Etnologia. Textos Didáticos*, nº 24, 3ª edição, IFCH/UNICAMP - março de 2004.
- SAHLINS, Marshall. 2008 [1981]. "Introdução: história e teoria estrutural"; "Transformação: estrutura e prática"; "Conclusão: estrutura na história". In *Metáforas Históricas e Realidades Míticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 19-28; 69-134.
- FABIAN, Johannes. 2013 [1983]. "Prefácio"; "O tempo e o outro emergente". In *O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes. pp. 39- 70.

Literatura complementar

- FABIAN, Johannes. Entrevista: a prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. 2006. *Mana*, 12 (2): 503-520.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2002 [1962]. "O tempo reencontrado". In *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus. pp.243-271.
- SAHLINS, Marshall. 1997a. O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (parte I). *Mana*, v. 3, nº 1, pp. 41 73.
- _____. 1997b. O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (parte II). *Mana*, v. 3, nº 2, pp. 103 150.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. 1999. História e Etnologia. Lévi-Strauss e os embates em região de fronteira. *Revista de Antropologia [USP]*, vol.42, n.1-2, pp.199-222.

S9 [18/10] Estrutura(s), mito(s) - de novo - e história(s) 2

- LEACH, E. R. 1974 [____]. "Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo". In *Repensando a antropologia*. São Paulo: Perspectiva. pp. 193-
- TURNER, Terence. 1991. Da Cosmologia à História: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó. *Cadernos de Campo*, v. 1, nº 1, p. 68-85.
- OVERING, Joana. 1996. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões. *Mana*, v. 1, nº 1, pp.107 140.
- CHAKRABARTY, Dipesh. [1992]. "A pós colonialidade e o artifício da história: quem fala em nome dos passados 'indianos?'". [Disponível online]. Fonte: *Representations* (University of California Press), n. 37, Special Issue: Imperial Fantasies and Postcolonial Histories (Winter, 1992), pp. 1-26

Literatura complementar

- COMAROFF, J & COMAROFF, J. 2010. Etnografia e imaginação histórica. *Proa - Revista de Antropologia e Arte* [on-line]. Ano 02, vol. 1, n. 2, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/TraducoesII/comaroff.html>.

S10 [25/10] Hierarquia/igualdade, holismo/individualismo, pessoa/(in)divíduo

DUMONT, Louis. 1992 [1966]. *Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas Implicações*. São Paulo: EDUSP. [Partes a definir].

APPADURAI, Arjun. 1988. Putting hierarchy in its place. *Cultural Anthropology*, v. 3, n. 1, pp. 36-49.

DUARTE, L. F. D. 1983. O Culto do Eu no Templo da Razão. In 'Três Ensaio sobre Pessoa e Modernidade'. *Boletim do Museu Nacional (Nova Série)*, nº 41, Rio de Janeiro, pp. 2-27.

STRATHERN, Marilyn. 2006 [1988] "Estratégias Antropológicas"; "Trabalho: exploração em questão". In *O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: EdUnicamp. pp. 27-51; 207-257

Literatura complementar

DUMONT, Louis. 2000 [1977]. *Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. Bauru: EDUSC.

SHWEDER, R. A.; BOURNE, E. J. 1982. "Does the concept of the person vary cross-culturally?" In A. J. MARSELLA; G. M. WHITE (eds.), *Cultural Conceptions of Mental Health and Therapy*. Dordrecht: Springer Netherlands. pp. 97-138.

TAYLOR, C. 1985. "The person". In M. CARRITHERS; S. COLLINS; S. LUKES (eds.), *The Category of the Person: Anthropology, Philosophy, History*. Cambridge: Cambridge University Press.

GUIMARÃES, Bruno et al. 2012. Pontos em expansão: uma conversa com Marilyn Strathern. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 21, pp. 1-360.

SMITH, Karl. 2012. From dividual and individual selves to porous subjects. *The Australian Journal of Anthropology*, 23: 50-64.

S11 [01/11] A fabricação das práticas: processos, lógicas e estruturas

ELIAS, Norbert. 1994 [1939]. "Prefácio"; "A civilização como transformação do comportamento humano" [seções I a IV]. In *O Processo Civilizador*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 13-20; 67-135

FOUCAULT, Michel. 1979. "A governamentalidade". In *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. pp. 277-293.

BOURDIEU, Pierre. 2009 [1980]. "Estruturas, habitus, práticas". Em *O Senso Prático*. Petrópolis: Vozes. pp. 85-107.

ORTNER, Sherry. 2011 [1984]. Teoria na antropologia desde os anos 60. *Mana*, 17 (2): 419-466.

Literatura complementar

O'NEILL, John. 1986. The Disciplinary Society: From Weber to Foucault. *The British Journal of Sociology*, Vol. 37, No. 1 (Mar., 1986), pp. 42-60.

S12 [08/11] Cultura, interpretação e simbolismo

GEERTZ, Clifford. 2008 [1966]. "A Religião como Sistema Cultural". In *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 65-91.

BARTH, Frederik. 2000 [1989]. "A análise da cultura nas sociedades complexas". In *O Guru, o Iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

ASAD, Talal. 2010 [1993]. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, pp. 263-284.

DOUGLAS, Mary. 1999. Os Lele revisitados, 1987 acusações de feitiçaria à solta (versão de 1999). *Mana*, 5 (2): 7-30.

Literatura complementar

- RICOEUR, Paul. 1973. The Model of the Text: Meaningful Action Considered as a Text. *New Literary History*, Vol. 5, No. 1 ('What Is Literature?'; Autumn, 1973), pp. 91-117.
- BLOCH, Maurice. Bloch on Bloch on 'Religion'. *Religion and Society: Advances in Research*, 1: 4-28.
- GEERTZ, Clifford. 2004 [1968]. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Zahar. [Cap. a definir.]
- SCHILBRACK, Kevin. 2005. Religion, Models of, and Reality: Are We through with Geertz? *Journal of the American Academy of Religion*, 73 (2): 429-452.

[15/11] Feriado / Visita técnica ao Centro de Investigações Antropológicas (CIAN) e à Escola de Antropologia da Universidade da Costa Rica (UCR).

S13 [22/11] Rituais e performances

- KUPER, Hilda. 2014 [1944] "Um Ritual de Realeza entre os Suazi". In CAVALCANTI, Maria Laura (org.), *Ritual e Performance: 4 estudos clássicos*. Rio de Janeiro: 7 Letras. pp. 59-101. [Ler tb. a 'Introdução' de Cavalcanti.]
- TAMBLIAH, Stanley. 1997 [1976]. Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 12, nº 34. pp. 5-24.
- TURNER, Edith. 2012. "Preface"; "Introduction"; "Contrasts: Communitas and False Communitas". In *Communitas: The Anthropology of Collective Joy*. New York: Palgrave Macmillan.
- VALERI, Valerio. 1994. Rito. *Enciclopédia Einaudi: Religião-Rito*, v. 30. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. pp. 325-359.

Literatura complementar

- BERTHOMÉ, François; HOUSEMAN, Michael. 2010. Ritual and Emotions: Moving Relations, Patterned Effusions. *Religion and Society: Advances in Research*, 1: 57-75.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2013. Drama, ritual e performance em Victor Turner. *Sociologia & Antropologia*, 3 (6): 411-440.
- NEWELL, Sasha. 2018. The Affectiveness of Symbols: Materiality, Magicality, and the Limits of the Antisemiotic Turn. *Current Anthropology* (59) 1: 000.

S14 [29/11] Fluxos, Híbridos, Redes...

- HANNERZ, Ulf. 1997. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, 3(1): 7-39.
- STRATHERN, Marilyn. 2011 [1996]. Cortando a rede. *Ponto Urbe*, n. 8.
- LATOUR, Bruno. 2015 [2000]. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. *Ilha*, v. 17, nº 2, p. 05-16.
- ESCOBAR, Arturo; OOSTEERWEEIL, Michael. 2009. Movimientos sociales y la política de lo virtual. Estrategias deleuzianas. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 10, pp. 123-162, jun. 2009.
- TSING, Anna. 2012. Frictions. *The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Globalization* [Referência incompleta.]

Literatura complementar

- APPADURAI, Arjun. 1990. Disjuncture and difference in the global cultural economy. *Public Culture* 2 (2): 1-24.

MARCUS, George E. 1995. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review Anthropology*, 24: 95-117.

HANNERZ, Ulf. 2006. "Studying Down, Up, Sideways, Through, Backwards, Forwards, Away and at Home: Reflections on the Field Worries of an Expansive Discipline". In Simon COLEMAN; Peter COLLINS (eds.), *Locating the Field: Space, place and context in Anthropology* (ASA Monographs, 42). New York: Berg. pp. 23-42.

MOL, Annemarie. 2008 [1999]. "Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas". In J. A. Nunes & R. Roque (eds.), *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento ('Biblioteca das Ciências'). Online: 5
https://pure.uva.nl/ws/files/899834/77537_310751.pdf

LATOUR, Bruno. 2006 [2004]. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos de Campo*, n. 14/15: 339-352.

TSING, Anna. 2015. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha - Revista de Antropologia* 17 (1): 177-201.

S15 [06/12] Balanço, avaliação e discussão sobre as propostas de trabalhos finais.